

Ditongos nasais átonos finais: ontem e hoje

Final unstressed nasal diphthongs: then and now

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i2.40708>

Raquel Gomes Chaves

É graduada em Letras pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG), Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Desde o mestrado, desenvolve pesquisas dentro do quadro teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, abordando fenômenos variáveis de interface (fonética, fonologia, morfologia e sintaxe).

E-mail: chavesraquelgomes@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6310-0194>

RESUMO

Neste artigo, versamos sobre os ditongos nasais átonos finais no português a partir de duas perspectivas distintas: (i) uma diacrônica, baseada em pesquisa bibliográfica, voltada à origem do processo de desnasalização e de emergência dos ditongos nasais referidos no português; (ii) uma sincrônica, fundamentada em análise quantitativa da variação fônica na realização dos ditongos nasais em dados de Florianópolis (SC). Os resultados dessas duas investigações indicam instabilidade na realização fonética de segmentos nasais desde o período de formação do português e avaliação negativa de formas desnasalizadas tanto no presente quanto no passado.

Palavras-chave: Ditongos Nasais Átonos Finais. Desnasalização. História da Língua. Sociolinguística Variacionista. Português Brasileiro.

ABSTRACT

In this article, we deal with final unstressed nasal diphthongs in Portuguese from two different perspectives: (i) a diachronic one – based on bibliographical research on the origin of the process of denasalization and on the emergence of nasal diphthongs in Portuguese; (ii) a synchronic one – based on quantitative analysis of variable nasal diphthongs in data from Brazilian Portuguese (Florianópolis – SC). The results of these two analyses indicate instability in the phonetic realization of nasal diphthongs since the period of formation of the language and negative evaluation of denasalized forms, both in the past and in the present.

Keywords: Final Unstressed Nasal Diphthongs. Denasalization. History of Language. Variationist Sociolinguistics. Brazilian Portuguese.

Introdução

A realização fonética variável dos ditongos nasais átonos em posição de final de palavra no português brasileiro (PB), verificável tanto em não verbos (órg[ẽw̃] ~ org[õ] ~ órg[ɔ], viag[ẽj] ~ viag[i] ~ viag[ɪ]) quanto em verbos (falar[ẽw̃] ~ falar[õ] ~ falar[ɔ], faz[ẽj] ~ faz[i] ~ faz[ɪ]), tem sido extensivamente explorada pela literatura. Podemos arrolar alguns trabalhos que investigaram o fenômeno a partir de diferentes perspectivas: (i) da Teoria da Variação e Mudança (VOTRE, 1978; GUY, 1981; BATTISTI, 2002; BOPP DA SILVA, 2005, SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009; CHAVES, 2017); (ii) da Teoria da Otimidade (BATTISTI, 1997, 2003); (iii) de Modelos Baseados em Uso (SILVA; FONSECA; CANTONI; 2012, GOMES, MESQUITA; FAGUNDES, 2013; SCHWINDT; DE BONA, 2017; DE BONA, 2018)¹.

Neste artigo, delimitamos como objetivo central discutir dois aspectos da realização variável de ditongos nasais átonos finais: o seu percurso histórico e o seu comportamento presente. Buscamos, portanto, primeiramente, delinear diacronicamente, por meio de pesquisa bibliográfica, não apenas como o fenômeno variável de desnasalização se instaurou no português, mas também em que momento o processo passou a atuar sobre os ditongos nasais átonos da língua. Em seguida, apresentamos uma análise sincrônica, pautada na reanálise dos dados de Chaves (2017) sobre o comportamento variável do fenômeno em questão em dados de fala de uma comunidade isolada de Florianópolis (SC), a fim de abordar a atuação do fenômeno variável no PB contemporâneo.

O presente artigo está organizado da seguinte forma. Na seção 1, a seguir, traçamos uma trajetória histórica com vistas a mapear o que a literatura vem afirmado a respeito da história dos ditongos e do processo variável de desnasalização no passado da língua. Na seção 2, nosso foco volta-se para os ditongos nasais e para a atuação do fenômeno de queda da nasalidade no presente. Na seção 3, apresentamos o estudo variacionista sincrônico sobre a variação na realização fônica dos ditongos nasais átonos em dados de Florianópolis (SC). Finalmente, nas considerações finais, sistematizamos os resultados apresentados nesta discussão.

¹ Nosso intuito, ao citar alguns estudos sobre o fenômeno, não foi o de abarcar todos as pesquisas acerca do tema.

² Metaplasmo que se refere ao apagamento dos segmentos em posição de final de palavra.

A desnasalização e os ditongos nasais: perspectiva diacrônica

O processo de queda da nasalidade, conforme apontam alguns gramáticos históricos (NUNES, 1969; WILLIAMS, 1973, entre outros), teria tido origem na passagem do latim vulgar ao português arcaico. Conforme Coutinho (1970), a apócope² das consoantes nasais, vislumbrada nesse período, assim como a das consoantes *r*, *l*, *s*, *z*, foi bastante produtiva na passagem do latim vulgar ao português. A obliteração da consoante final nasal pode ser observada em alguns exemplos como *lŭpum* (latim vulgar) > *lobo* (português); *matŭrum* (latim vulgar) > *maduro* (português), *ĕquam* (latim vulgar) > *égua* (português).

Nunes (1969, p. 57) destaca que o fenômeno de queda da nasalidade em final de palavra teria impactado diretamente as vogais portuguesas. Segundo o autor: as vogais nasais procedem em geral de vogais puras que tomaram “[...] a nasalidade de *m* ou *n*, desaparecendo a articulação destas consoantes. Observa-se o fenômeno nos monossílabos [...] *cum* (com), *sum* (som), mas não se verifica na maior parte dos vocábulos que na língua-mãe se escreviam com *m* terminal, porquanto, para tais casos já se havia dado a redução da pronúncia da consoante final.” Assim sendo, é possível constatar tendência ao apagamento de consoante nasal em posição terminal de palavra desde o período de formação do português.

No entanto, apesar da verificação frequente do processo de desnasalização já no latim vulgar, há indícios de que o fenômeno de supressão era, desde aquela época, estigmatizado. Dentre as recomendações encontradas no *Appendix Probi*, temos, entre outras, as seguintes: *Numquam non numqua*, *Pridem non pride*, *Idem non ide*. Segundo Votre (1978, p. 106), a partir da análise desses casos, “parece que a temática da preservação do *-m* final estava correlacionada com valores de natureza cultural, envolvendo aspectos de elegância e prestígio.”

A emergência dos primeiros ditongos nasais átonos no português, por seu turno, segundo Williams (1973), teria ocorrido durante o século XIV. Desse modo, os ditongos que, na atualidade, são suscetíveis à realização fônica variável, datam na língua de período posterior aquele em que passou a atuar o processo de desnasalização. Muitos teriam sido os fatores que levaram à criação desses ditongos. Nesse sentido, Teyssier (1994[1980], p. 39, grifo nosso) declara que:

² Metaplasmo que se refere ao apagamento dos segmentos em posição de final de palavra.

todas as palavras da língua que possuíam primitivamente *-an* (-am) e *-on* (-om) convergiram desta maneira para uma só terminação em *-ão*. É o caso das formas verbais tônicas, *dan* > *dão*, *cantarán* (futuro) > *cantarão*, *son* > *são*; e formas verbais átonas, ex. *cantáran* (mais-que-perfeito) > *cantarão*, escrito hoje como *cantaram*, *cantaron* (perfeito), forma que veio a identificar-se com a do mais-que-perfeito na pronúncia e na grafia.

Ainda segundo o autor, entre os historiadores da língua, o gatilho que desencadeou essa mutação não é consensual: “Para uns, trata-se de uma evolução puramente fonética e, para outros, do resultado de ações analógicas complexas. Em todo o caso, uma afirmação pode ser feita com segurança: o estado da língua moderna nesse ponto já estava definido por volta de 1500”.

Mattos e Silva (2006), com base na análise do *Cancioneiro Medieval*, texto que data do português arcaico, no que se refere especificamente à emergência do ditongo [ẽw̃], faz alusão a uma série de processos que teriam sido responsáveis por sua origem. O primeiro deles seria a queda de segmentos finais antecidos por consoantes nasais (*coratione* > *coraçon*[õ], *amant* > *aman*[ã], *ama(ve)runt* > *amaron*[õ]). Segundo a autora, os ditongos nasais átonos só emergiram quando as vogais nasais passaram a ser produzidas como ditongos nasais átonos (*coração*[õ] > *coraç[ẽw̃]*)³. Nas palavras de Mattos e Silva (2006, p. 71):

[...] também no período arcaico que começa a processar-se a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos. Essa ditongação leva à convergência na direção do ditongo [ẽw̃] que – já no século XV – é própria ao dialeto padrão de Portugal.

Na Tabela 1, com base nos dados apresentados por Mattos e Silva (2006), sistematizamos temporalmente a evolução de alguns itens lexicais desde o latim até o português padrão do século XIV.

Tabela 1 – Evolução dos itens lexicais *coração*, *cão*, *amam* e *amaram* (do latim ao português do século XIV)

Latim	Português Arcaico	Séc. XIV (português padrão)
coratione	coraçon [õ]	coração [ẽw̃]
cane	can[ã]	cão [ẽw̃]
amant	aman [ã]	amam [ẽw̃]
ama(ve)runt	amaron [õ]	amar [ẽw̃]

Fonte: Adaptado de Mattos e Silva (2006, p. 72).

³ Antes da ditongação, como destaca Mattos e Silva (2006), precedeu o hiato. Tais hiatos foram ditongados a partir da semivocalização da vogal que estava à margem direita da palavra.

Sampson (1999, p. 1986) caracteriza o final da Idade Média (século XVI) como o período em que “o sistema de vogais nasais do português sofreu algumas alterações relevantes.” Dentre essas mudanças, o autor faz menção ao aumento da incidência de fonemas nasais, a fusões resultantes de alterações em algumas vogais nasais e ainda a casos em que essas vogais passaram a sofrer, em algumas circunstâncias, o processo de desnasalização⁴.

Em estudo acerca da escrita do PB, Oliveira (2008) analisou dados de redução e de ditongação, a partir de 290 documentos que datam do século XIX. Os dados são oriundos da Sociedade Protetora dos Desvalidos (1832), uma irmandade negra fundada por africanos em Salvador (BA). Segundo o autor, os sujeitos por trás dos documentos investigados em seu trabalho provavelmente não devem ter tido contato com atividades de leitura e escrita em ambientes formais, o que autorizaria uma análise desses documentos como se fossem, em certa medida, transcrições da fala.

No que se refere à grafia do ditongo [ẽw̃], Oliveira (2008) encontrou os seguintes resultados: do total de 27 ocorrências em que se esperaria grafia *am* ou *ão* para representar o ditongo, incluindo-se verbos e não verbos, 26 foram registradas com grafema *o*. Os exemplos de palavras grafadas com *o* encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2 – Registro escrito de palavras terminadas em ditongo [ẽw̃] no português padrão

Verbos	Grafia padrão	Não verbos	Grafia padrão
asign <u>o</u>	<i>assinaram</i>	Este <u>vo</u>	<i>Estevão</i>
asinar <u>o</u>	<i>assinaram</i>	órf <u>o</u>	<i>órfão</i>
comparic <u>o</u>	<i>compareceram</i>		
dexar <u>o</u>	<i>deixaram</i>		
direberr <u>o</u>	<i>deliberaram</i>		
disser <u>o</u>	<i>disseram</i>		
fartar <u>o</u>	<i>daltaram</i>		
for <u>o</u>	<i>foram</i>		
gastar <u>o</u>	<i>gastaram</i>		
requereir <u>o</u>	<i>requererão</i>		
responder <u>o</u>	<i>responderam</i>		
voltar <u>o</u>	<i>voltaram</i>		

Fonte: A autora.

⁴ No original: “In the period of the lates Middle Ages into the sixteenth century, the system of nasal vowels underwent some major developments. The incidence of nasal vowel phonemes was increased, various qualitative adjustments occurred with individual types of nasal vowel leading sometimes to mergers, and in special circumstances nasal vowels were denasalized. (SAMPSON, 1999, p. 1986)”.

De forma semelhante, o autor verificou, para casos com terminação em ditongo nasal átono /ẽj/, supressão da nasalidade em não verbos e verbos tais como: *home* (*homem*), *homes* (*homens*), *orde* (*ordem*), *tere* (*terem*).

Do percurso histórico traçado, nesta seção, destacamos dois pontos: (i) o processo de desnasalização atua na história do português desde o período de formação da língua, mais especificamente desde o latim vulgar; (ii) os ditongos átonos finais surgem, por volta do século XIV, como alternativa para neutralização das diferenças entre as terminações vocálicas nasais (*aman[ã]* > *am[ãw]*), sem que a ortografia incorporasse tais ditongos nas formas verbais (*amam*). Na próxima seção, abordamos a variação nos ditongos nasais átonos a partir de um olhar sincrônico.

A desnasalização e os ditongos nasais: perspectiva sincrônica

No português atual, segundo Wetzels (1997), há uma pequena quantidade de ditongos nasais, tanto em posição tônica como em posição átona. De acordo com o autor, alguns desses ditongos podem ocorrer em ambientes derivados (derivação por flexão: *comem*, *falam*, *pensam*; derivação por regra fonológica: *também*) ou, então, em ambientes não-derivados (*canhão*, *mãe*, *muito*). Esses últimos computam um número ainda mais reduzido no léxico da língua.

De acordo com Battisti (1997, p. 13), o ditongo nasal átono presente em casos como *órgão* ~ *órgu*, *benção* ~ *bençu*, *cantavam* ~ *cantavu* e *cantaram* ~ *cantaru* são suscetíveis ao processo de redução. Ainda segundo a autora:

o mesmo tipo de processo pode ocorrer com sequências *-eN* e *-oN* em final de vocábulo, que, em geral, se ditongam no português brasileiro [...] como em *homem* e *nylon*. Reduzidas, essas formas passam a *homi* e *nylu*, respectivamente. A flexão de verbos de segunda e terceira conjugação, na terceira pessoa do plural de alguns tempos verbais, também fornece contexto para a redução: *eles comem* > *eles comi*, *eles dormem* > *eles dormi*, por exemplo.

Os ditongos nasais do português são encontrados tanto em sílabas tônicas (*pão*, *canção*, *bem*, *também* – não verbos; *são*, *estão* – verbos) como em sílabas átonas (*órgão*, *órfão*, *homem* – não verbos; *comem*, *falaram*, *vivem* – verbos). Os ditongos nasais átonos situados em final de palavra, subgrupo que nos interessa em particular neste texto, são suscetíveis a diferentes realizações fonéticas.

Dentre alguns dos estudos que abarcam o fenômeno em dados de fala da região Sul do Brasil, podemos destacar, dentre outros, os de Battisti (2002), Bopp da Silva (2005), Schwindt e Bopp da Silva

(2009), Chaves (2017) e De Bona (2018). Tais trabalhos descrevem, essencialmente, o comportamento variável dos ditongos referidos na Amostra Base do Banco VARSUL⁵. De forma geral, as pesquisas aludidas têm apontado as seguintes variáveis como favorecedoras do processo de redução do ditongo e desnasalização:

- (i) localidade – Santa Catarina e, mais especificamente, Florianópolis (em torno de 70% de aplicação);
- (ii) classe de palavra – formas verbais no pretérito perfeito do indicativo (*compraram* ~ *compraru*, *disseram* ~ *disseru*), não verbos terminados em *gem* (*viagem* ~ *viage*, *bobagem* ~ *bobage*) e não verbos em geral (*homem* ~ *home*);
- (iii) escolaridade – menos escolarizados;
- (iv) idade – mais jovens;
- (v) tonicidade do contexto seguinte – átona (*gostam demais*);
- (vi) contexto precedente – sem consoante no *onset* (*fa.zi.Øam* ~ *fa.zi. Øu*), nasais (*homem* ~ *home*) e consoantes não nasais posteriores (*pegam* ~ *pegu*).

Análise variacionista

Com vistas a analisar o comportamento variável dos ditongos nasais átonos do PB, nesta seção, apresentamos uma análise, nos moldes variacionistas (LABOV, 1972, 1994), levando-se em conta a realização monotongada e sem nasalidade dos ditongos. Mais especificamente, reanalisamos o estudo de Chaves (2017), sobre o fenômeno na comunidade não-urbana de Florianópolis da Costa da Lagoa, fazendo uso da Plataforma R (R-CORE TEAM, 2020). Tratamos particularmente de dois ditongos nasais variáveis <awN> e <ejN>, ambos em posição átona final, presentes em formas verbais e em formas não verbais (*falam*, *comem*, *órfão*, *homenagem*).

Para esta investigação, traçamos três objetivos: (i) mapear a distribuição das diferentes possibilidades de realização fonética dos ditongos; (ii) identificar os contextos (linguísticos e extralinguísticos) favorecedores do fenômeno de monotongação e posterior perda da nasalidade; (iii) discutir a relação do fenômeno com aquilo que foi resgatado de períodos remotos da língua.

⁵ Projeto Variação Linguística Urbana no Sul do País.

Amostra

Foram analisados os dados provenientes de 24 entrevistas de natureza semiespontânea, realizadas nos moldes clássicos labovianos, as quais compõem a Amostra Chaves (2016)⁶. A estratificação dos 24 sujeitos encontra-se exposta no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Estratificação dos informantes – Amostra Chaves (2016)

		Faixa Etária			
		FAIXA A De 18 a 30 anos	FAIXA B De 31 a 37 anos	FAIXA C De 46 a 59 anos	FAIXA D De 65 a 80 anos
Escolaridade	De zero a seis anos de estudo	---	1 (masc.)	2 (masc.)	3 (fem.) 2 (masc.)
	De sete a 12 anos de estudo	2 (fem.) 2 (masc.)	3 (fem.) 1 (masc.)	2 (fem.)	---
	Acima de 12 anos de estudo	4 (masc.)	2 (fem.)	---	---

Fonte: A autora.

Conforme podemos vislumbrar no Quadro 1, a distribuição dos informantes nas células sociais/extralinguísticas não é homogênea. Na Amostra Chaves (2016), observamos não ortogonalidade, por exemplo, no que diz respeito à faixa etária e à escolaridade dos informantes, haja vista que os sujeitos com maior grau de instrução restringem-se quase que categoricamente aos mais jovens (Faixas A e B). Do mesmo modo, os sujeitos com menor grau de instrução correspondem, na maioria das vezes, aos mais velhos (Faixas C e D).

Cabe destacar, no entanto, que a amostra reflete o perfil da comunidade. Isso porque o acesso à escola ocorreu, principalmente, nos últimos anos, haja vista que a Costa da Lagoa é uma região de difícil acesso. O contato da Costa da Lagoa, localizada no Leste da Ilha, com o restante da cidade, ainda ocorre exclusivamente por meio de transporte aquático (lacustre). Há alguns anos, em função do horário restrito de circulação das “barcas” e em virtude de os habitantes da Costa terem que trabalhar desde muito cedo, a grande maioria da comunidade estudou na escola da Lagoa, a qual ofertava, à época, até Ensino Primário (correspondente a 4ª Série de Ensino Fundamental). Foi apenas nas últimas

⁶ Amostra Complementar Varsul (Agência UFSC).

décadas que o transporte para a região central de Florianópolis se tornou mais assíduo, o que fez com que o perfil dos informantes, no que diz respeito à escolaridade, mudasse.

O envelope de variação

Nesta seção, apresentamos a variável resposta e as variáveis predictoras estabelecidas para o estudo do fenômeno variável em questão. Diferentemente de outros estudos revisados, os quais analisaram dados da região Sul do Brasil (BATTISTI, 2002; BOPP DA SILVA, 2005; SCHWINDT, BOPP DA SILVA, 2009, DE BONA, 2018), opomos aqui, duas variantes: formas nasalizadas, as quais contemplam os ditongos nasais e os monotongos nasais, em oposição a formas reduzidas e desnasalizadas, as quais correspondem aos monotongos orais. O Quadro 2 mostra como categorizamos os dados

Quadro 2 – Categorização da variável predictorora

Formas nasais	Formas orais
eles for[ẽw̃] eles for[õ]	Eles for[o]
eles diz[ẽj̃] eles diz[i]	Eles diz[i]
órg[ẽw̃] órg[õ]	órg[o]
homenag[ẽj̃] homenag[i]	homenag[i]

Fonte: Adaptado de Chaves (2017, p. 221).

Vale destacar que não encontramos casos em que a queda da nasalidade ocorresse independentemente do fenômeno de monotongação como, por exemplo, **Eles for[aw]*. Desse modo, assumimos, neste estudo, assim como já advertido por Parkison (1986), que, para que ocorra a redução da nasalidade, o ditongo precisa, necessariamente, ter sido monotongado: *benç[ẽw̃] > benç[õ] > benç[o]*⁷.

No Quadro 3, exibimos as variáveis predictoras linguísticas elencadas como possíveis influenciadoras do fenômeno de redução do ditongo e queda da nasalidade.

⁷ Ao retomar essa discussão, este artigo, ainda que de forma incipiente, aponta para a necessidade de um debate sobre a nomenclatura adotada nos estudos, bem como uma reflexão acerca de um possível “ordenamento de regras”. A monotongação do ditongo seria alimentadora do processo de desnasalização.

Quadro 3 – Variáveis predictoras (linguísticas e extralinguísticas) consideradas – reanálise de Chaves (2017)

Variável predictorora	Níveis	Exemplos
Contexto precedente ⁸	a. consoante nasal	com <u>em</u> , hom <u>em</u> , am <u>am</u>
	b. consoantes fricativas/africadas	jo <u>vem</u> , via <u>gem</u> , fa <u>z</u> em
	c. demais consoantes	ord <u>em</u> , fa <u>l</u> am, can <u>ç</u> am
	d. vogais	ia <u>m</u> , diza <u>m</u>
Contexto seguinte	a. consoante nasal	falam <u>m</u> uito
	b. consoante não nasal	pedem <u>c</u> omida
	c. vogal	sabem <u>a</u> ndar
	d. pausa (exemplos)	ficam <pausa>
	e. sândi (ditongação)	brinc[ãw]ma vez por dia
	f. sândi (degeminação/elisão)	eles fal[u] tempo todo
Tonicidade do contexto seguinte	a. átona	ficam <u>p</u> arados
	b. tônica	gostam <u>m</u> uito
Classe de palavra	a. Não verbos	ontem
	b. Não verbos com terminação em <i>gem</i>	viagem, homenagem
	c. Formas verbais distintas do singular apenas pelo ditongo	sabe/sabem
	d. Formas verbais distintas do singular por outros elementos além do ditongo	falou/falaram

⁸ Optamos, nessa variável, por uma classificação norteada pelo modo de articulação, a fim de que não houvesse sobreposição entre os níveis das variáveis predictoras contexto precedente e classe de palavra. Isso porque consoantes palatais precedentes sempre corresponderiam às palavras terminadas em *gem* (viagem, bobagem etc).

Faixa etária ⁹	a. Faixa A: de 18 a 30 anos b. Faixa B: de 31 a 39 anos c. Faixa C: de 46 a 59 anos d. Faixa d: de 65 a 80 anos	
Sexo	a. feminino b. masculino	

Fonte: A autora.

Resultados e discussão: análise variacionista

O primeiro resultado a ser narrado diz respeito à distribuição, nos dados em análise, de formas orais e de formas nasais. Os números brutos e percentuais encontram-se expostos na Tabela 3.

Tabela 3 – Proporção de aplicação de formas orais e de formas nasais dos ditongos

Formas orais	Formas nasais
771/1141 (67,6%)	370/1141 (32,4%)

Fonte: A autora.

Verificamos alta a taxa de formas orais em Florianópolis, equivalente a 67,6%. O índice de dados monotongados e desnasalizados é muito próximo ao encontrado por Schwindt e Bopp da Silva (2009) para dados de Florianópolis (fala urbana – Banco Base VARSUL), equivalente a 71%. A manutenção da nasalidade, seja ela em um monotongo ou no ditongo, foi computada em 32,4% dos dados.

Se compararmos as taxas percentuais com que os ditongos nasais átonos variáveis <ejN> e <awN> sofrem processo de monotongação e queda da nasalidade na Costa da Lagoa aos resultados encontrados em outras variedades sulistas, registamos um valor bastante superior na variedade florianopolitana. Levando-se em conta as capitais da Região Sul, em Porto Alegre (RS), registrou-se índice de 39% e, em Curitiba, de 26%.

Podemos associar a realização prevalente dos ditongos nasais como monotongos orais em Florianópolis a outros fenômenos variáveis, caracterizados historicamente como metaplasmos de

⁹ Optamos por excluir a variável Escolaridade de nossa análise haja vista que nossa amostra não apresenta uma distribuição homogênea.

supressão, que, assim como a desnasalização, são registrados em altas proporções na localidade, a saber: síncope em proparoxítonas – queda da vogal postônica não final (*árvore ~ avre, Florianópolis ~ Florianóplis*), monotongação de ditongos orais (*pouco ~ poco, seis ~ ses, mais ~ mais*), conforme relatam os estudos de Cabreira (1996), Brescancini (2009), Chaves (2011) e Haupt (2011). Com base em Furlan (1989), pode-se afirmar que a alta taxa de elocução, típica do falar florianopolitano, influencia na presença maciça de fenômenos de redução de segmentos átonos.

Conforme já anunciado, a variável resposta de nossa pesquisa é a forma monotongada e desnasalizada do ditongo (*órfão ~ órfu, compram ~ compru, homem ~ home, fazem ~ faze*). A título de revisão, as variáveis preditoras controladas, por sua vez, delimitadas a partir dos resultados de estudos prévios, foram: (i) contexto precedente; (ii) contexto seguinte; (iii) tonicidade do contexto seguinte; (iv) classe de palavra; (v) faixa etária; (vi) sexo. Os resultados relativos à análise de regressão logística encontram-se expressos na Tabela 5.

Tabela 5 – Resultados da análise de regressão logística (fenômeno de monotongação e desnasalização)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	Valor-p
(Intercept)	-0.4576	0.2280	-2.007	< 0,05 *
Contexto precedente				
consoantes nasais	-0.9202	0.3776	4.994	< 0,001***
outras consoantes	0.8820	0.1766	4.994	< 0,001***
vogais	-0.7042	0.3776	-2.478	< 0,05 *
Contexto seguinte				
sândi – ditongação	-1.3318	0.3669	-3.630	< 0,001***
pausa	-0.5319	0.22815	2.332	< 0,05*
Classe de palavra				
formas verbais (outras)	0.3510	0.1656	2.119	< 0,05*
não verbos com <i>gem</i>	1.9008	0.3800	5.002	< 0,001***
não verbos	2.4541	5.491	2.119	< 0,01***
Faixa etária				
Faixa B	0.6814	0.1823	3.738	< 0,001***
Faixa C	0.8137	0.1947	4.179	< 0,001***
Faixa D	1.2764	0.2235	5.711	< 0,001***

*Intercept = Contexto precedente: consoante fricativa/africada, Contexto seguinte: consoante nasal;
Classe de palavra: Formas verbais (ditongo); Faixa etária (Faixa A). Modelo: glm(formula = VD ~
CONT.PRE + CONT.SEG + TON.CS + CLASSE + FAIXA, family = binomial, data = RED)

No que diz respeito à variável *contexto precedente*, as nasais (-0.9202) e as vogais (-0.7042), situadas imediatamente antes do ditongo variável, apresentaram estimativas negativas se comparadas ao *intercept* (consoantes fricativas/africadas). Mostraram estimativas positivas, em relação ao valor do *intercept*, apenas as consoantes não nasais e não fricativas/africadas (denominadas *demais consoantes*).

Desse modo, os resultados relativos à variável previsora *contexto precedente* seguem a tendência do que vem sendo relatado pela literatura de que haveria uma espécie de evitação de dois segmentos nasais consecutivos (uma da consoante e outra de uma realização fonética nasal do ditongo variável). As vogais em ambiente precedente, neste trabalho, restringem-se aos casos que foram considerados por Battisti (2002) e por Schwindt e Bopp da Silva (2009) como sem consoante em posição de *onset* (faziam – *fa.zi.Øam*, diziam – *di.zi.Øam*). Desse modo, esse resultado também segue a tendência do que vem sendo narrado pela literatura ao apontar que vogais anteriores não favorecem a realização de formas reduzidas do ditongo.

No que se refere à variável preditora *contexto seguinte*, mostraram-se estatisticamente relevantes como desfavorecedores da redução da nasalidade os contextos de sândi extenso – ditongação (-1.3318) e pausa (-0.53196). Como os ditongos em exame situam-se na borda direita de palavra, há, como já destacado em Chaves (2016, 2017), possibilidade de uma forma superficial com ditongo como em “*Eles brinc[ãw]ma vez por dia*” ser resultado do processo também variável de sândi externo.

Em relação à variável *classe de palavra*, com uma organização em níveis distintos dos que, em geral, a literatura propõe, tivemos respostas mais claras relacionadas à hipótese funcional de que em formas que apresentam apenas o ditongo, ou uma de suas formas variantes, como responsável pela diferenciação entre singular e plural – no que toca especificamente às formas verbais (*gosta/gostam*, *falava/falavam*); seriam menos suscetíveis ao processo de monotongação e redução da nasalidade. Seguindo a mesma linha de raciocínio, nossa hipótese era a de que formas com distinção entre singular/plural com outros elementos além do ditongo seriam mais propícias à queda da nasalidade.

Os resultados alcançados atestam essa conjectura inicial: em relação ao *intercept* (formas verbais que se distinguem exclusivamente pelo ditongo) e formas verbais que apresentam outros elementos de distinção entre singular e plural (*falaram ~ falaru*, *comeu ~ comeru*) apresentaram *logodd* superior (0.3510). Os não verbos, por não expressarem nenhuma marca morfológica no ditongo, conforme atestam os estudos prévios de Schwindt e Bopp da Silva (2009), Chaves (2017) e De Bona (2018), mostraram-se ainda mais favorecedores das formas desnasalizadas: nomes com terminação em *gem* (1.9008) e nomes em geral (2.4541). Vale destacar, no entanto, que essa estimativa positiva altamente favorecedora para nomes em geral se deve ao fato de contarmos, na amostra, com 51 itens lexicais correspondentes a *homem* (homens), sendo que, desse total, em apenas sete casos observamos a manutenção da nasalidade.

Por fim, a variável preditora extralinguística *faixa etária* mostrou-se significativa no que diz respeito ao uso de formas monotongadas. Em relação ao *intercept* (Faixa A), todas as demais faixas exibiram favorecimento gradativo: Faixa B (0.6814), Faixa C (0.8137) e Faixa D (1.2764). Observamos, portanto, em relação à *faixa etária*, um aumento significativo do uso de formas monotongadas e reduzidas à medida que a idade dos sujeitos avança. Em nosso corpus, como

mencionamos previamente, os jovens, aqueles que menos realizam o fenômeno de redução, são também aqueles com maior grau de escolaridade. Assim sendo, há indícios de que poderia haver alguma marca de estigma atrelado ao fenômeno em variação, mais especificamente à variante reduzida e desnasalizada, o que, de certa forma, atua contra a deriva da língua.

No que diz respeito aos resultados atingidos pela análise variacionista, ressaltamos a semelhança entre os achados deste estudo e dos demais trabalhos acerca do tema. Fato que nos chama atenção é a possível influência da escolaridade dos falantes na escolha por uma das formas em variação. Conforme os estudos têm mostrado, seriam os sujeitos com menor grau de instrução aqueles que apresentam prevalência do uso das formas reduzidas e desnasalizadas em suas falas. Tal fato também parece encontrar respaldo na história da língua uma vez que o prestígio estava associado à preservação da nasalidade ainda no latim vulgar.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos estabelecer conexões entre o presente e o passado no que diz respeito ao fenômeno variável de monotongação e obliteração da nasalidade no português. Com base em nosso percurso histórico, podemos destacar a instabilidade, narrada nos compêndios históricos, tanto da nasalidade em posição de final de palavra quanto dos ditongos (em oposição a formas monotongadas). Em outras palavras, nossa retrospectiva ao passado da língua indica que a flutuação na realização fonética dos ditongos nasais átonos finais é fato que data do período de formação do português, o que indica uma tendência na língua.

No que toca especificamente à análise variacionista empreendida, é importante salientar que os índices de monotongação e ausência da nasalidade estariam retomando portanto essa tendência. O desfavorecimento de sujeitos enquadrados na Faixa 1 (mais jovens) ao fenômeno, mostra que a ideia de prestígio, já vislumbrada nas formas nasais e ditongadas no passado, também se mantém viva ainda hoje.

Sendo assim, este estudo revela uma inclinação natural do português à obliteração da nasalidade em final de palavra em conflito com uma possível mudança em progresso, contrária à deriva natural da língua, atestada pela fala dos mais florianopolitanos mais jovens.

Referências bibliográficas

- BATTISTI, Elisa. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições**. 185f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1997.
- BATTISTI, Elisa. A redução dos ditongos nasais átonos. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 183-202.
- BATTISTI, Elisa. Ditongos nasais em sílaba átona e fidelidade posicional. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela. **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 51- 66.
- BOPP DA SILVA, Taís. **A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2005.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano catarinense. In: Leda Bisol; Gisela Collischonn. (Org.). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2009, p. 34 - 49.
- CABREIRA, Sílvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- CHAVES, Raquel Gomes. **A redução de proparoxítonos na fala do Sul do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2011.
- CHAVES, Raquel Gomes. **A redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais e a marcação explícita de CVP6**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2017.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1970.
- DE BONA, Camila. SCHWINDT, Luiz Carlos. C. O papel da frequência lexical na desnasalização do ditongo final átono [~ein] em não verbos no português do sul do Brasil. **Cadernos do IL (UFRGS)**, v. 54, p. 27-46, 2017.
- DE BONA, Camila. **O papel da frequência lexical em fenômenos fonológicos condicionados morfológicamente do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2018.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. **Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

- HAUPT, Carine. **O fenômeno de monotongação nos ditongos [α₁, ε₁, o₁, u₁] na fala dos florianopolitanos**: uma abordagem a partir da Fonologia de Uso e da Teoria dos Exemplos. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- GOMES, Christina Abreu; MESQUITA, Cássia; FAGUNDES, Taís da Silva. Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do rio de janeiro. **Diacrítica**, 27, p.153-173, 2013.
- GUY, Gregory Riordan. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of the phonology, syntax and language history. Tese (Doutorado) – Universidade da Pennsylvania: Filadélfia, 1981.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. New York: Blackwell, 1994.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- NUNES, José J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**: fonética e morfologia. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.
- OLIVEIRA, Klebson. O verso e o reverso: redução de ditongos e ditongação em textos escritos por negros no Brasil Oitocentista. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n.11/2, p. 155-175, dez. 2008.
- PARKINSON, Stephen. Portuguese nasal vowels at phonological diphthongs. **Lingua** 61, p. 157-177, 1983.
- SAMPSON, Rodney. **Nasal vowel evolution in Romance**. Oxford University Press: New York, 1999.
- SCHWINDT, Luiz Carlos.; BOPP DA SILVA, Taís. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, Gisela. (ed.). **Português do Brasil**: variação fonológica. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- SILVA; Tais Cristóforo; FONSECA; Marco Silva, CANTONI, Maria. A redução do ditongo [ãw] postônico na morfologia verbal do português brasileiro: uma abordagem baseada no uso. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 283-292, 2012.
- TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994 [1980].
- VOTRE, Sebastião Josué. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1978.
- WETZELS, Leo. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. **Probus**. v. 9, p. 203 – 232, 1997.
- WILLIAMS, Edwin. **Do latim ao português**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.